

1 ESCUDO

Reportagem

Semanario das
grandes reportagens

ANO I

1 de Novembro de 1930

Numero 13



LÊR NESTE NUMERO: D. Carlos foi morto por acaso? — A festa dos diamantes em Antuérpia — Negócios que nem lembram ao Diabo — Onde estão e como vivem os fabricantes de cédulas falsas de 10 centavos

◆◆ Grande Hotel da Batalha ◆◆

Completamente renovado

MANUEL FERRAZ & C.ª, L.ª

☐ Magníficas instalações ☐
 Serviço de mesa primoroso
EXPLENDIDA SALA DE JANTAR
TELEFONE, 247

Higiene e conforto

P. DA BATALHA — PORTO

MANUEL JOAQUIM BARBOSA

PAPEIS, ARTIGOS GRAFICOS, COMISSÕES E CONTA PROPRIA
Telefone 5039

Rua da Picaria, 37 — PORTO

Visite V. Ex.ª o

Hotel Restaurant Pinto Bessa

Rua da Estação, 56-PORTO-Telef. 4524

Instalações modernas—Quartos com todo o conforto e higiene—Quarto de banho em todos os andares—Permanente serviço de restaurant—Preços modicos—Visite-o é preferido.

Proprietario — LUIZ CORREIA

CAFÉ CONCERTO PRIMAVERA

Travessa da Picaria, 28

O maior Salão Dancing do Porto

☐ ☐

TODAS AS NOITES NOVAS VA-

☐ RIEDADES — «SOIRÉES» ☐

Serviço de Restaurant e Gabinetes

ABERTO TODA A NOITE

CONSTRUÇÕES E REPARAÇÕES DE PREDIOS

Especialidades em pinturas

A. R. CARVALHO

Construtor civil diplomado

Rua da Picaria, 8 — PORTO

VICTORIA CAFÉ

Prça Guilherme Gomes Fernandes, 66

BAR

Galeria de Paris, 109 — PORTO

O mais confortável
 mais completo ☐
 mais higienico ☐

Grande exito de todas as noites

Fados pela cantatriz Leonor Fialho—Explendidos salões de Jogos, Bilhares e Ping-Pong—Pequenos almoços, Lanches—Comentos todos os dias das 21 horas em diante

NICOLAU FERRAZ

Espanha, França, Brasil e América do Norte



PASSAPORTES



Agente no Norte

da **United States Lines**

TELEFONE, 762

Rua do Loureiro, 60, 62 PORTO

É caro? É! Mas no ESCONDIDINHO

come-se, porque o ESCONDIDINHO

é quem melhor serve.

☐ ☐

A sua cozinha, os seus «ménus», os seus serviços, os seus talheres, os seus vinhos são celebres e não têm rival.

☐ ☐

Rua Passos Manuel -- PORTO

V. Ex.ª Deseja comprar barato? Elegante? Na ultima moda? EXPERIMENTE E VERÁ!!!

SAPATARIA LAGES
 R. Santo Ildefonso, 20-PORTO

MAQUINAS FOTOGRAFICAS DANIEL AUGUSTO BENTO

A pagamentos semanais de 10\$00, com sorteio pela lotaria de Lisboa

FOTO-ESTRELA POLAR
 62 — Rua de Santa Catarina — 64
 Telefone: 2158 PORTO

SABÃO CASTELO

O melhor produto para tirar nodosas
 Preço 1\$00
 Á venda em todas as drogarias

COELHO DA COSTA AGENTE OFICIAL

Trata de todos os documentos e tira passaportes para o Brasil, França, etc., e vende passagens em todas as classes, tanto para embarcar em Leixões como em Lisboa

Escrever ou falar para a
RUA CHÁ, 129-132 — PORTO
 TELEFONES / Agencia 1412 / Residencia 2187

Mendonça, L.ª

COMPRA E VENDA DE PROPRIEDADES

COLOCAÇÃO DE CAPITAL EM 1.ª HIPOTECAS

Rossio, 74-1.º

Peles

Casacos, echarpes e raposas nacionais e estrangeiras. Pelaria de todas as qualidades e das melhores procedências.

Peles avulso para garnições.

Curte, ting, limpa, transforma e confecciona todas as peles.

M. ANÃO, LIMITADA
 R. DOS RETROZEIROS, 58
 R. DOS FANQUEIROS, 376, 2.º

VISITE o CLUB RITZ
 R. Fernandes Tomaz, 817
 PORTO

Explendida orquestra «JAZZ» A CANÇÃO NACIONAL pelos mais afamados cantores do PORTO e LISBOA

MODICIDADE DE PREÇOS
 Antes de comprar uma maquina de escrever portátil ou para escritório, sirva-se V. Ex.ª pedir oferta da

UNDERWOOD

ao agente:
CARLOS DUNKEL - R. Sá da Bandeira, 62
 Telefone: 1013 — PORTO

“GARANTIA”

COMPANHIA DE SEGUROS (FUNDADA EM 1855)

Capital Integralizado Esc. 1.000.000\$00
 Reservas em 31 de Dezembro de 1927
 Esc. 6.611.363\$33

Os segurados da «GARANTIA» devem ter sempre em vista que nenhuma outra Companhia lites pode oferecer maiores vantagens: o seguro de vida obedece á matemática e esta é uma só. O que os segurados devem exigir é idoneidade da Companhia, e, neste ponto, a «GARANTIA» tem a escuda-lia o seu passado

SEDE
 Rua Ferreira Borges, 37 — PORTO (EDIFICIO PROPRIO)
 DELEGAÇÃO CENTRAL
 Praça da Liberdade, 13 e 14
 Casa Bancaria Sousa, Cruz & C.ª, L.ª
DELEGAÇÃO EM LISBOA
 Rua de S. Julião, 63 á 71 (EDIFICIO PROPRIO)

AGENCIA “A PORTUENSE”

(DAS MAIS ANTIGAS DE PORTUGAL)

Passagens e Passaportes

-- Honestidade e competencia --

Fornete-se todos os esclarecimentos por correspondencia, a quem os pedir
 TELEFONE 123
 R. do Corpo da Guarda, 15
 PORTO

Escudos 3\$00
20 SEMANAS

Os melhores e mais chics chapéus a prestações e com bonus
 Inscreva-se já para esta semana por apresentação ou conhecimento

terá um bom chapéu no acto da inscrição

Chapelaria Portela

Telefone 1776
 Praça dos Poveiros, 80
 PORTO

Homens & Factos do Dia

O silêncio e a impunidade

NÃO sou dos publicistas que melhor empregam a regra económica de barrar a prosa com retalhos da prosa alheia — vulgo citações. Éste sistema comodista, alfin e ao cabo, axadrezando a crónica ou o livro com uma variedade de music-hall literário, muito ao gosto dos



frívolos pouco lidos mas desejosos de notar erudição, poupa ao autor o trabalho de desventrar de si próprio os pensamentos, imagens e conceitos que ele recorta dos artigos e dos livros alheios. É uma fórmula de agradar, de exhibir cultura e de substituir a pena pela tesoura — charrua esta muito mais leve de conduzir do que aquela. Apetece-me hoje abrir uma excepção aos meus hábitos técnicos. Vou também citar outros autores.

Faço-o por dois motivos: primeiro porque os encontrei amolhados quasi na mesma página do livro sensacionalista que acabo de ler — Les Dessous des Prisons des Femmes — de Robert Boucart —; segundo, porque essas citações, vindo argumentar em pró da minha consciência, podem resolver um problema íntimo em que a minha ânsia de verdade luta contra mil atritos criados por mim próprio, no mistério da minha alma... Iniciarei a série por Nietzsche, que escreveu: Les verités étouffées deviennent empoisonnées. A seguir Octave Mirbeau, o conculso romancista do Calvaire, junta-se a Nietzsche com esta frase: «Se em vez de procurarmos a todo o custo esconder as vergonhas, as revelassemos — julgo que a Humanidade só teria a ganhar com isso». Elogo, um dos príncipes da reportagem da França, Stéphane Lauzanne, remata com esta exclamação: «Fizeste bem, meu caro Boucart, em escrever este livro. Fazemos sempre bem em sermos corajosos: é a nossa própria consciência que engrandecemos...»

Ora bem... O português é, ao mesmo tempo, um juiz severo e um espectador piegas. Exige em berros e em saltos de epilético que se submeta aos tormentos da inquisição o criminoso cujo banditismo acaba de o indignar — para logo no dia seguinte, quando a justiça, em vez de o queimar vivo, como ele queria na vespera, o condena a uma pena relativamente suave, choramingar lamurias e confessar que daria a vida para salvar aquele infeliz.

Ora eu, apesar da minha conformação

crâneana de slavo, do meu cabelo e das minhas pupilas azuis, de saxão, sou português, português legítimo, filho e neto de portugueses. Comparticipo dos mesmos defeitos e virtudes do público — com pequenas variantes e algumas melhorias conseguidas à custa de prodígios da vontade e de auto-crítica. O Reporter X tem procurado, a dentro da mais blindada honestidade, que nenhum miserável tem o direito de duvidar e muito menos poderá negar com provas, desmascarar os que medram prejudicando a maioria em proveito das suas ambições ilegítimas e graças às máscaras hipócritas que afixam e com as quais conseguiriam burlar o próprio Deus — se não fôsse uma blasfemia pensar que Deus era mais crédulo que os redactores deste jornal... Impiedosamente encharcamos os róstos pintados e exibimos os aleijões ao público. Mas só este castigo elemental — o de lhes destruir a arma da hipocrisia — basta para que muita gente lamente os desmascaramentos...

Contudo a nossa missão só começa agora. Não é que pensemos em usar da campanha jornalística como sistema técnico, permanente, invariável. Pelo contrário. Evitá-la-emos o mais possível. Mas sempre que vier a talhe de foice um Tartufo nocivo à sociedade não encontrará perdão na nossa sentença. Pois se a impunidade tem sido a adubagem sinistra que desenvolve todas as infâmias ocultas, se parte da população sofre injustamente os crimes desses criminosos, «homens de bem» que vivem impunes — cúmplices deles seríamos nós se, tendo por missão revelar verdades e conhecendo-as, nos calássemos...

Mas é que... e aqui se explica a razão porque excepcionalmente fizemos citações de autores alheios — é que são tantas, tantas, tão complexas, tão monstruosas as ignomínias que, por mecanismo material, têm vindo parar ao nosso segrêdo — que algumas nos acovardam... Por poucos minutos — confessamos — mas acovardam... O nosso artigo anterior insinuava — mas ao de leve — uma dessas monstruosidades... E essa ao lado das outras afigura-se-nos uma ingenuidade de crianças... Quantas vezes lêm na secção necrológica a notícia banal: «Após prolongado padecimento faleceu ontem na sua residência o sr. Fulano ou a sr.^a Fulana» — e quem diria que por detrás dessa meia dúzia de linhas se oculta um crime inconcebível pelo cinismo e pela crueldade com que foi praticado — e que a covardia de alguns e a complicitade de outros tornarão eternamente impune?... Pois são algumas dessas mortes, mais ou menos vul-

reporter

O SEMANÁRIO DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO EM PORTUGAL

Grandes reportagens e crítica a todos os acontecimentos de sensação nacionais e estrangeiros

Sai aos sábados e é posto á venda simultaneamente em todo o país

DIRECTOR
REINALDO FERREIRA
(REPORTER X)

Director-Gerente, Administrador e Editor
ANGELO DE AZEVEDO FERREIRA

Chefe da Redacção
MARIO DOMINGUES

Propriedade unica de Angelo e Reinaldo Ferreira

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E PUBLICIDADE
ROSSIO, 3, 3.º — TELEFONE 25442 — LISBOA
End. Teleg.: REPORTERX — LISBOA

DELEGAÇÃO NO PORTO — RUA DO ALMADA, 10

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
TIPOGRAFIA SILVAS, LTD.
RUA D. PEDRO V. 120 — LISBOA — TELEFONE 23121

PREÇO DAS ASSINATURAS

3	meses—série de 12 números—Esc. 11\$50
6	» » » 25 » —Esc. 22\$50
12	» » » 52 » —Esc. 44\$50

gares, na aparência, mas fruto sinistro de uma conjura de miseráveis sem alma nem amor por quem sempre se sacrificou por eles, conjuras de que muitas vezes participam indivíduos cuja situação social e científica protege exageradamente — são, repetimos, algumas dessas mortes cujos segrêdos julgamos decifrar que talvez hesitássemos em revelar sem o conselho marconico-telepático de Nietzsche, de Mirbeau, de Lauzanne...

Hesitar, porquê? A impunidade é a causa de novos crimes. Proteger a impunidade é ser tão criminoso como os criminosos.

REPORTER X

REINALDO FERREIRA

Deu entrada na Casa de Saúde de Bemfica o nosso estimado Director Reinaldo Ferreira (Reporter X), que vai realizar o último período de cura de uma antiga enfermidade. O illustre clinico e seu antigo discípulo Dr. Mário Teixeira Bastos, a quem o nosso camarada deve o encontrar-se fóra de perigo, assisti-lo-á durante toda a permanência, que não será longa, na citada casa de saúde. Durante a sua ausência, Reinaldo Ferreira será substituído na direcção do Reporter X pelo seu irmão e Director-Administrador Angelo Ferreira e pelo chefe da redacção, nosso camarada Mario Domingues.

Todos os que trabalham neste semanário esperam em breve abraçar o seu querido Director completamente restabelecido.

AS MEIAS DE SEDA QUE CUSTAM 15 CONTOS

ASSIM como quasi toda a gente procura comprar o mais barato, comparando os preços desta e daquela montra, dando longas caminhadas e regateando — uma pequena minoria existe, com mórvidos intuitos esbanjadores, que luta, pelo contrario, na conquista do mais caro.

Fraulein Edna Strauss, vedette de operetas, em Berlim, e vedette dos amores bem pagos pelos banqueiros da mesma capital (em amor tambem pululam individuos achacados da mesma doenca esbanjadora, procurando não as mais belas, dedicadas e carinhosas amantes mas sim as amantes mais caras). Fraulein Edna, como iamoz dizendo, entronizou-se na culminancia da gloria a 5 de Outubro. Graças a uma genial criação histriónica? Graças a conquista do coração e do cofre de um arqui-milionário inviolavel? Não senhor: comprando e exibindo as meias de seda mais caras que se fabricaram até hoje — umas meias que custaram a bagatela de 3.000 marcos, ou seja 15 contos portugueses!!!

Por mais que scismemos não há forma de encontrar o segredo desse par de meias fenómeno. Serão tecidas com seda extraída dalgum bicho sagrado ou histórico? Estarão salpicadas de diamantes e rubis? Há meia duzia de anos só uma minuscula elite feminina as usava em Portugal. Pouco a pouco foram-se generalizando — democratizando; e hoje rara é a creada de servir que não acaricie as pernas com o seu contacto suave e aristocrático. Ouvindo um leitor assiduo de estatísticas e um técnico dessa industria e comércio — "chegámos a estranhas conclusões: «De 1920 a 1930 o aumento de consumo de meias de seda no nosso país aproxima-se de 300 por cento. E contudo a percentagem de senhoras que deixaram as de algodão pelas de seda é apenas de 80 por cento. Como se explica essa disparidade? Muito simplesmente: é que as senhoras que usavam meias de algodão podiam poupá-las de forma a que durassem longo tempo; a meia de seda não só conquistou novas clientes como obrigou essas clientes a comprá-las com muito mais frequência. E tanto assim que, entre as meias importadas e fabricadas, o consumo nacional era de 12/14.000 pares diários, em todo o país, antes de 1920; e agora de 60/80.000... Mas para tirar um contraste mais flagrante com esse exemplo de Fraulein Edna — vamos aos preços. As meias de maior consumo são as que variam entre 15 e 30 escudos. Mas também existe em Lisboa, Porto... e (admitem-se, senhores) em Braga quem as compra por 400, 500, 600 e... 1000 escudos. Uma dama lisboeta, justificadamente formosa pela sua fortuna, senhora dum palácio na Estrêla e que foi já bastante grisalha e idosa (agora não é...), tem um orçamento fixo de 2500 escudos mensais para meias de seda... de todas as formas... Está longe, muito longe, dos 15.000 escudos que custou o par de meias de Fraulein Edna Strauss... Um detalhe estatístico para terminar. Sabem os senhores qual é a soma que as meias de seda arrancam mensalmente às mulheres portuguesas? Trinta mil contos, em média...



"Fraulein" Edna Strauss

Um policia de museu...

CONTEMPLAMOS a "foto" que junto publicamos — o capacete, a couraça, a armadura desta, à medida das que estão em exposição no Prado de Madrid e que pertenceram às tropas avassaladoras de Carlos V, de Espanha. É muito simplesmente, um agente de policia de Varsovia. A Polonia, reconquistada a tão amada independência, embriagou-se de luz e de liberdade. Sôfregos de gozarem o que era deles — os polacos quiseram todos governar. Daí a multiplicação dos partidos políticos: 42!!! Daí também as bem intencionadas desinteligências. Só em 1929 morreram em tumultos algumas centenas de agentes policiaes. Assim, o governo, defendendo a vida das autoridades, dotou-as com a couraça de aço e a armadura medieval.



Assim, o governo, defendendo a vida das autoridades, dotou-as com a couraça de aço e a armadura medieval.

Z.

A FESTA DOS DIAMANTES

MANEQUINS VIVOS PARA EXPOSIÇÃO DE JOIAS — A GRANDE «SOIRÉE» — NEGOCIANTES, LINDAS MULHERES, DETECTIVES E... LADRÕES — AS BOLSAS DE JOIAS — OS MERCADOS CLANDESTINOS — UM CASAMENTO DE MILIONÁRIOS — A PROEZA DE UM PORTUGUÊS

O fim da Avenue du Klyser, em Anvers, as largas janelas de um palácio monumental de estilo flamengo bolsavam sobre os passeios um Niagara de luz opalina, que parecia ficar boiando sobre o clarão incendiado pelos globos voltaicos e pelos múltiplos anúncios eléctricos. Era na noite de 15 último. Frente ao palácio, havia meia hora que os automóveis, abichados numa serpente que se quebrava e continuava para além da «gare», iam despejando famílias de exteriorização mundana, como um folhear de muitas revistas de modas para ambos os sexos... A multidão, mundialmente apalvada ante estes espectáculos, amassada no passeio, parecia cortada à faca, fazendo um vazio rectangular frente à porta. Dezenas de policiaes fardados à inglesa a muralhavam. Três suíços solenes; quatro porteiros almirantados e um enxame de chasseurs recolhiam os visitantes...

Lá dentro, num salão imenso, constelado de luzes, a outra multidão, a multidão das damas decotadas e dos cavalheiros encasacados, sentava-se em redor de pequenas mesas onde em baldes de prata gelavam garrafas de champagne. Uma orquestra entoava música moderna com a gravidade de quem oferece Beethoven. Ao fundo, numa espécie de palco, entre discursos de cavalheiros de casaca e condecorados, sucediam-se os desfiles de jovens de uma beleza para concurso de Galveston, um chiquismo de «vedette» parisiense e tão enjoiadas como se cada uma delas tivesse um seralho... de velhos milionários e bajójos.

Pela primeira vez, Anvers, o mercado universal dos diamantes, o centro mundial do grande negócio das joias, abria um salão de pedrarias. Até hoje os «desfiles» e os manequins nos modistos célebres e nos «Palaces» era um «truc» de venda exclusivo dos fabricantes de modas, de toilettes, de roupas brancas, de chapéus — e até de sapatos de todas as «Rue de la Paix» e de todas as «Places Vendôme» da Europa e da América (menos de

Portugal...). Os joalheiros de Anvers resolveram imitá-los... Contrataram os mais belos manequins; fizeram dos seus colos aveludados preciosos estojos, forrados de perturbadora carne de mulher; das suas orelhas, dos seus dedos, vitrines delicadas para os seus modelos... Espalharam centenas de convites pela França, pela Alemanha, pela Ho-

Vale porque é belo? Mas não há maior beleza em certas sinfonias, em certos quadros, em certas estátuas, em certos livros? Vale como raridade? E algo mais raro que a obra de qualquer grande artista que morreu? Não! Mas como nenhuma influência tem a minha opinião nos designios da Humanidade, — e da



Alguns dos mais lindos e sedutores manequins vivos que se exibiram

landa, pela Inglaterra, pela Austria e Escandinavia. Havia dias que todos os grandes hotéis de Anvers estavam «au complet»... Calculava-se em três mil as pessoas de ambos os sexos que atravessaram a Europa só para irem escolher as suas joias na exhibição organizada pelos joalheiros de Anvers... Transcrevemos do «Die Woche» de Berlim: «Nessa noite memoravel, desfilaram ante os olhos do público 500.000.000 de francos em joias. Fizeram-se negócios quasi nesse montante. Dezoito «detectives» de várias nacionalidades, chefiados por Charles Jeoffroy — o Sherlock belga, defendiam as joias exibidas contra as cubijas que elas podiam provocar. E apesar desse rigor...»

Finança mundial — as pedras preciosas continuam a dominar a vaidade das mulheres e portanto a constituir o jogo de uma das maiores ambições dos homens. O ano passado, um jornalista francês, — e dos mais famosos — Stephane Lauzanne, afirmou que existem nos cofres do mundo ou no peito, nos dedos e nas cabeças das mulheres uma fortuna global de 1.500.000.000 de libras esterlinas... E se os senhores soubessem que luta tremenda se trava em volta de cada partícula dessa imensa fortuna! E se os senhores soubessem as pessoas que lutam à sua volta...

BELEZAS CONVENCIONAIS

Nunca compreendi a razão porque uma obra prima da literatura, um astro supremo e eterno da constelação mental custe, em edições populares (e ainda bem), meia duzia de moedas e que um diadema de pedraria policroma, dessa chamada preciosa, valha um milhão de libras! Que nego beleza a uma apoteose de joalheria, um estendal de céus, céus coruscantes e oprimidos em minusculas estrélas, em estrélas que são estendais minusculos de céus? Que não me fascina a alma delicada e resplandecente, feita de todas as luzes da luz, rebrilhando dentro do peito miniatural e diáfano de um diamante? Que não roço, e se roço não sinto, que não escuto, que não bebo, na orquestração voluptuosa de todos os meus sentidos, de toda a minha sensibilidade, a sinfonia dos rubis, das esmeraldas, dos topázios, das ametistas, das safiras, dos berilos, a policromia paradoxalmente só branca de uma pérola cujo contacto recorda a lágrima dum seio de virgem se os seios chorassem as suas sedes de amor? Não! Não creio mesmo que as pedras preciosas me ocultem qualquer encanto que revelem aos seus mais fanáticos apaixonados. Mas mesmo assim — porque razão o colar de perolas de Mistinguett vale 100.000 francos? Porque razão só os anéis da Rainha da Roménia estão avaliados em dois milhões de francos; e os brincos de Lady Crower dois milhões de libras?

OS REIS DO DIAMANTE

As pedras preciosas têm mercados, Bolsas, reinos quasi. O israelita, eterno perseguido, escolheu de preferência a joia como negócio, porque a joia é uma riqueza sintética, que se transporta facilmente na luva-lufa de uma fuga. O grande negócio das joias está nas mãos de judeus. Os grandes mercados das joias fixaram-se em dois países que pouco as consomem: a Bélgica e a Holanda — residência dos judeus que fugiram das fogueiras beatas de Lisboa. E desses dois países — é precisamente aquêle que menos se enjoiá — a Bélgica — e na cidade menos enjoiada — Anvers — o escolhido para «mercado mundial dos diamantes». Calcula-se em sessenta o número dos «reis das joias» de Anvers. Os dois mais ricos e poderosos — Leon Vanhery e Aristide Handeryen — judeus ambos e o primeiro descendente de portugueses (oculta o apelido Moura) somam, ambos, quinhentos milhões de francos... Assisti, por um acaso, em 1920, num salão do «Metropole» de Bruxelas ao banquete nupcial da filha do segundo com o filho do primeiro. Tinha sido convidado a comer com Oscar Carvalho de Azevedo, director geral da Agência Jornalística Americana, e com o director do diário «Neptune» de Anvers. Através das vidraças da porta do salão, espreguiceámos o espectáculo... Que se visone o que foi esse banquete e esse casamento! Que se calcule o luxo

(Conclui na pag. 15)

Qual é o momento mais emocionante da sua vida?

Falam a acusação e a defesa de Alves Reis



Dr. Vicente de Vasconcelos



Dr. Nobrega Quintal

O sr. dr. Vicente de Vasconcelos, que ocupou até há pouco tempo o espinhoso lugar de Director da Policia de Investigação Criminal, é presentemente Juiz do Contencioso das Alfândegas. Fômos encontrá-lo no seu gabinete de trabalho.

— A minha maior emoção — disse-nos o ilustre magistrado, respondendo ao nosso inquirido — foi, decerto, quando das últimas investigações do caso Angola e Metrópole. Alves Reis entrara, finalmente, no caminho da confissão. Tinha ido interrogá-lo à Penitenciária, levando a impressão de que ele, como sempre, negaria. Eu estava, porém, disposto a travar a batalha decisiva.

Depois de meditar um pouco disse-nos: — No entanto, talvez os momentos mais emocionantes da minha vida fossem os da defesa de Alves Reis. A volta deste julgamento tinha-se feito um grande movimento de expectativa, que não é favor chamar-se-lhe nacional. Quando, no silêncio grave do Tribunal, li a contestação de defesa em que Alves Reis fazia a confissão pública e solene dos seus crimes, esse momento foi o de maior emoção da minha vida.

«Esse dia ficarme-dia para sempre gravado na memória.»

E depois de um curto silêncio, a entrevistista terminou aqui, com um sorriso e um aperto de mão.

JUNTO das interessantes confidências do sr. dr. Vicente de Vasconcelos, antigo Director da Policia, que obteve a confissão de Alves Reis, ficam bem as curiosas declarações do sr. dr. Nobrega Quintal, que foi deputado, jornalista, governador colonial e é ainda o patrono de Alves Reis, o homem que mais emocionou a nação nestes últimos cinquenta anos.

— A minha vida tem sido constituída por grandes emoções. São tantos os momentos emocionantes de uma vida! Escolher de entre eles o mais forte não é tarefa fácil — declarou-nos o ilustre advogado.

Depois de meditar um pouco disse-nos: — No entanto, talvez os momentos mais emocionantes da minha vida fossem os da defesa de Alves Reis. A volta deste julgamento tinha-se feito um grande movimento de expectativa, que não é favor chamar-se-lhe nacional. Quando, no silêncio grave do Tribunal, li a contestação de defesa em que Alves Reis fazia a confissão pública e solene dos seus crimes, esse momento foi o de maior emoção da minha vida.

«Esse dia ficarme-dia para sempre gravado na memória.»

E depois de um curto silêncio, a entrevistista terminou aqui, com um sorriso e um aperto de mão.

Como se faz escravatura branca em Portugal

Rescaldo . . .

O incendio do Marquês ainda fumeja

No ultimo artigo que publicámos sobre o Marquês de Sagres aludimos a uma carta que Moraes de Carvalho nos enviara, negando, com um desdém e uma má-fé inauditos, que nos tivesse oferecido cinquenta contos, em nome do referido titular, para não iniciarmos a campanha que, através de todas as tentativas de suborno e de todas as ameaças, levámos até ao fim. Ante o descaro do sr. Moraes de Carvalho, que negava o que facilmente poderíamos provar, recusámos a publicar a carta, aconselhando-o a que recorresse aos tribunais. E o sr. Moraes de Carvalho, tomando o nosso conselho, recorreu—recorreu e perdeu. O ilustre Juiz a quem o caso foi presente, decerto enojado com a lamentável atitude daquele jornalista, indeferiu a queixa, pelo que o sr. Moraes de Carvalho terá que pagar os sélos e custos do processo.

A Justiça, como o grande publico que nos aplaude e em nós confia, deu-nos razão. Vencedores, como ficámos nesta peleja, entendemos que deveríamos assumir uma atitude mais benévola para com o vencido, e (para que o publico avaliasse, pesasse e medisse bem a moral daquêle jornalista que não sabe prestigiar a sua classe) dispunhamos a publicar a sua carta, devidamente comentada, a publicá-la de livre e espontânea vontade, visto que a espada ameaçadora da lei de imprensa que Moraes de Carvalho quis manejar contra nós se lhe quebrara nas mãos, golpeando-o, quando, apressadamente, a referida carta surgiu nas colunas da *Voz* de 20 p. p. Moraes de Carvalho, em nome de uma solidariedade jornalística que ele nega com os seus actos, pede a publicação da carta para—diz ele—que o publico saiba a história dos «50 contos». Dispensamo-nos, pois, de gastar espaço com a publicação de um documento que já não é inédito e limitamo-nos a uns leves comentários. «E' falso,—escreve Moraes de Carvalho—redondamente falso que tivesse oferecido a Reinaldo Ferreira ou a quem quer que fosse, 50 contos ou «um real sequer». E mais adiante, atrapalhado, suado, para torcer a verdade dos factos, deixa transparecer parvamente que nos falou em dinheiro, nesta frase pèrida:

«Conhecendo quanto custam os serviços dos jornais e os transtornos que causam as substituições de artigos já compostos, disse ainda a Reinaldo Ferreira que, «se tivesse quaisquer prejuizos, era natural que o interessado os cobrisse e que embora nada pudesse afirmar, era logico que, ouvido no caso, concordasse».

Ficámos conhecendo sr. Moraes de Carvalho. Sabemos que ele tem a mais no apêlido o que lhe falta na consciéncia: moral. E para remate, apenas acrescentamos este pormenor que desenha a mentalidade daquêle jornalista: escreve *acerca* assim: *há cerca*. A *Voz*, porém, que é um jornal católico e, portanto, piedoso, emendou-lhe caridosamente os erros de português, como nós lhós emendámos, em tempos, quando ele trabalhou connosco em certo jornal, que já não existe.

A ilustre advogada D. Regina Quintanilha escreveu-nos esclarecendo que não foi ela quem defendeu o Marquês de Sagres no Tribunal dos Pequenos Delitos. Não tencionávamos, conforme previamente anunciámos, escrever nem mais uma linha sobre a tenebrosa personagem, cujo funeral, com toda a pompa, se realizou no numero transacto. A muita consideração que temos pela Dr.^a Regina Quintanilha impeliu-nos, embora de boa mente, a faltar à nossa promessa.

M. D.

tugal. As nossas investigações, porém, vão prosseguindo para no momento oportuno as tornarmos publicas, contribuindo assim para a cura de um cancro que está corroendo a sociedade portuguesa.

REPORTER MARIO

No armazem de carne para tráfico — Uma que anda a «educar-se» — A Ana do Moinho sequestrada — Uma mãe que negocia a filha — Um sujeito endinheirado — Mercadoria em bom estado — A exportação para o Brasil — As investigações continuarão

APÓS a saída de D. Margarida, Albertina, que ficára uns momentos silenciosa olhando a porta por onde ela desaparecera, comentou:

— Esta mulher é muito esperta. Não se deixa cair na primeira armadilha que se lhe depara.

O nosso redactor concordou com um movimento de cabeça, e lembrou:

— Se nós voltássemos a Palhavã e aproveitássemos a ausência da patrão para interrogar as raparigas que lá estão?

Albertina achou boa a ideia. A sua companheira não achou boa nem má, nada percebendo do que via nem ouvindo, apenas compreendendo que se tratava de mais um passeio de *taxi* e era quanto lhe bastava.

Alguns minutos mais tarde penetravam no pátio onde pouco tempo antes haviam estado e batiam na porta n.º 3. Veio a mesma fisionomia híbrida de provinciana e lisboeta espreitar.

— Ah! — exclamou. — Sempre encontraram a D. Margarida?

— Encontrámos — respondeu a Albertina. — Ela deu ordem para cá virmos com este senhor.

Entraram. Era uma saleta modesta, mas agradável. O nosso reporter teve um sorriso de triunfo: encontrava-se, finalmente, no armazem de carne para negócio, da carne virgem, das almas inexperientes que uma organização de traficantes arremessava para a voragem.

Uma outra mulher surgiu, então. Era o tipo perfeito da provinciana que vem servir para Lisboa. Olhar assustado, seios túmidos, virginais, faces coradas, desconfiada.

— Como se chama? — perguntou-lhe o jornalista.

Ela baixou os olhos e respondeu, trémula:

— Ana...

— Ana quê?

— Ana do Moinho.

Ela ignorava o seu verdadeiro apelido. Dizia chamar-se Ana do Moinho porque assim a designavam lá na terra distante, no Caniçal, perto de Prouença-a-Nova.

Marcava esta rapariga um pronunciado contraste com a outra companheira, a Maria Augusta, que ansiava por lançar-se na triste carreira de *cocotte*, recebendo com agrado as lições de D. Margarida, que nela vira um bom filão a explorar.

A Maria Augusta é de perto de Leiria. Era um «pacote» facilmente arremessado para Lisboa.

ARMANDO SILVEIRA, O TRAFICANTE DO PORTO

— Quem as contratou para virem para Lisboa? — inquiriu o nosso redactor.

Foi o sr. Silveira, do Porto — respondeu a Maria Augusta, que a outra, a Ana do Moinho, era tão parva, coitada, que nem essa indicação podia dar.

O jornalista e Albertina, ao ouvirem pronunciar o nome do repugnante contratador, trocaram um olhar de inteligência.

— E' um sujeito bem pôsto, delicado, pessoa de haveres, o sr. Silveira, não é? — perguntou Albertina.

Era, efectivamente, o mesmo, o Armando Silveira, que anda por esse país, arrebanhando mulheres para o alcouce, para a existência ignóbil de clubes e casas suspeitas.

Maria Augusta sentia-se bem na nova carreira que ia começar a trilhar. Havia nela um mixto de perversão e ingenuidade que confrangiam. E' uma amoral, que facilmente se despenhará no charco de todas as imoralidades. A conselho de D. Margarida já cortou o cabelo, mal cortado e mal penteado, e anda a decorar o novo nome com que iniciará a vida de mundana ridícula: *Mariette*.

A Ana do Moinho, porém, lembra um animalzinho sertanejo, habituado à liberdade dos campos, que de súbito enclausurasse em uma casa lóbrega. Tudo a assusta, tudo a confrange. Há sempre reflexos de terror no seu olhar.

O jornalista, tratando-a com doçura, captou-lhe a confiança e ela, então, chorando lagrimas sentidas — lagrimas que provocavam gargalhadas sonoras à *Mariette* meia pervertida — pediu-lhe que a levasse dali, que a arrancasse daquêle inferno!

— Nem sequer me deixam escrever para a família. A patrão é que escreve o que muito bem lhe apetece, dizendo que estou a servir em casa dela.

Era o sequestro, pura e simplesmente o sequestro!

Maria Augusta, que gostava mais que a tratassem por *Mariette*, andava a *educar-se*, porque havia um sujeito já idoso que a queria levar para a sua companhia. Estava radiante.

A' despedida, a Maria Augusta, já confiante, ria de alto e ensaiava uma espécie de *coquetterie* ante o nosso redactor, enquanto a Ana do Moinho quedava triste, o olhar suplicante por que a arrancassem daquêle inferno!

A CAMINHO DA AMÉRICA DO SUL

Vamos dar agora a palavra a outro redactor do *Reporter X* que tem procedido na sombra a importantes investigações. Eis a descrição de uma scena edificante a que êle assistiu no Jardim de S. Pedro de Alcântara:

«Em frente da cascata aberta na muralha existem duas aleas em meia laranja onde ha bancos. Três de cada lado, se não estamos em erro. Um desses bancos estava singularmente ocupado. No canto norte uma mulher de cinquenta anos, magra, com uma dentadura que pelo certo e branco do conjunto devia ser positiça, em cabelo, com brincos compridos desses que chamam chuveiros, com diamantes ou outras pedras brancas, vestindo casaco orlado de pele *rasée* e meias claras de Escocia.

«Junto dela uma pequena de 14 ou 15 anos, também em cabelo, de casaco cor de vinho com punhos, gola e barra de veludo, com brincos falsos nas orelhas, e linda, muito linda, dessa beleza pàlida das mulheres precoces, que é uma maçada para quem a possui.

«Dando a esquerda à pequena e muito debruçado sobre ela, um homem bem vestido, de escuro, meias de sêda negra e sapatos muito novos, de polimento. Devia ser pessoa de quarenta anos.

«As atitudes do grupo cheiravam de longe a crime. Em poucos minutos tivemos a certeza de que se tratava ali uma venda — a venda da pequena.

«A certa altura da conversa a pequena levantou-se para beber agua na torneira junto do tanque. Então ambos falaram mais alto. O homem perguntou qualquer coisa que se relacionava com um dom fístico da rapariga.

«A velha, convicta, jurava:

— «Pela minha saúde, que está...»

«Ele disse qualquer outra coisa muito baixinho a que a outra retorquiu:

— «Cria, senhor Alfredo, se ela não engraçasse com a ideia, já ontem tinha dito. E' muito franca... Não admira, é uma criança.»

«Com a volta da pequena continuou a fala do homem e o riso da velha.

«Em certo momento o homem devia ter feito uma proposta que vexou a rapariga. Fez menção de levantar-se ao mesmo tempo que acenava vivamente com a cabeça, negando.

«Como o homem estivesse muito deitado no banco, ela tentou mudar de posição. A velha então ralhou-lhe, que era uma parva, e o senhor Alfredo, para não espantar a caça, colocou entre ambos a sua gabardine enrolada.

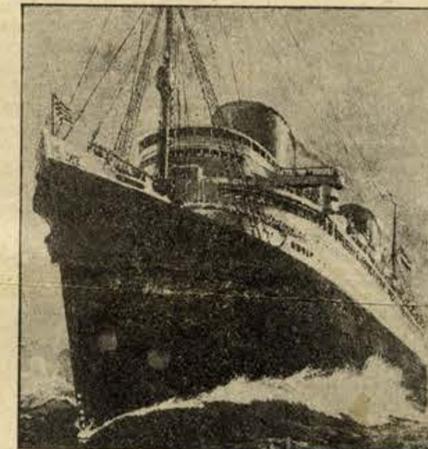
«Foi então a vez da velha entrar a convencer e, verdade seja dita, passado pouco tempo todos três riam de boa vontade.

«No momento propicio o senhor Alfredo exhibiu a carteira, tirada ostensivamente do bolso interno do colete. Procurou um papel impresso que mostrou e *casualmente* esse papel estava perdido entre notas grandes.

«Pouco depois a voz da pequena dizia: — «Eu não preciso de creadas, tenho mãos...»

«O senhor Alfredo falou no Brasil. O que disse não ouvimos, mas tirámos bem por consequência o que fôsse.

«Seriam cinco horas quando o homem



Luxuosos transatlânticos transportam-nas a Buenos Ayres e Rio de Janeiro

se levantou e subiu a escada do lado da Misericórdia.

«Por fim levantaram-se elas, subindo a escada oposta.

«Seguímo-las. Em frente do lago do jardim de cima estava o senhor Alfredo com um *taxi* que levou todos os três.

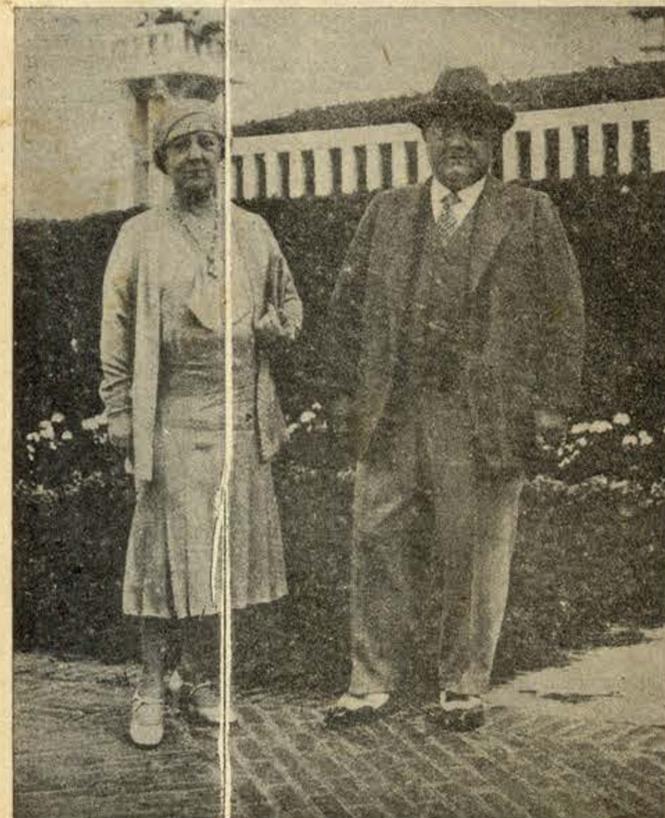
«Para onde?»

João Zero»

Poucos dias depois desta scena do jardim, a mesma rapariga despedia-se no cais de Alcantara da velha e do sr. Alfredo e embarcava na companhia de um par respeitavel de brasileiros enriquecidos sabe-se lá como, com destino ao Rio de Janeiro.

A rapariga ia triste, mas convencida talvez de que no outro lado do Atlântico encontraria a riqueza e o luxo com que o sr. Alfredo e a megera lhe encheram a cabeça linda.

Fechamos por hoje a primeira série de artigos sobre escravatura branca em Por-



Um par de brasileiros suspeitos enriquecidos não se sabe como...

A revolução no Brasil E O HOMEM MAIS MISTERIOSO DO MUNDO

CONSTANTINOPLA - LONDRES - BERLIM - PARIS - ATHENAS - RIO DE JANEIRO E... LISBOA
REPORTER X

ESTA reportagem possui uma elasticidade inverosímil. Tão oportuna seria num diário do século XIX, como ontem. Esse «ontem» tão longínquo já, das vésperas da Grande Guerra, como hoje, neste momento de fraterna inquietação com que a guerra civil brasileira nos aflige, como amanhã, nesse «amanhã» sem poente que é o da História debruçada sobre a eternidade dos séculos futuros. O «Homem mais misterioso do mundo» é um velho, muito velho... Para sossego da Humanidade aproveitara as suas primeiras lágrimas sinceras — as da morte da mulher que amava — para se «retirar» do tablado universal, refugiando-se, numa pacatez de reformado, no silêncio e na sombra dum palácio principesco... Quem passasse em frente desse palácio, e não visse muitas carruagens — como outrora — enfileiradas à margem do passeio, e não visse sequer aquela carruagem em que os velhos costumam ir espelhar o sol e a natureza, aos parques da cidade, e não visse uma só janela aberta, nem porteiros uniformizados pousadamente, entre os portais escancarados — teria a justa impressão que aquele «Homem misterioso» se intoxicara de sangue e de fôgo e procurava a absolvição na tardia paz da sua velhice.

E contudo — não é assim! O «Homem mais misterioso do mundo» continuava a semear a Morte pela Humanidade.

UMA INSINUAÇÃO DA «U. P.» E UMA AFIRMATIVA DO GOVERNO FEDERAL

Era já um lugar comum jornalístico as revoluções nas repúblicas ibero-americanas. Países jovens, exuberantes de vida, pletóricos de riqueza, apressadamente ansiosos de uma perfeição social para a qual lhes falta experiência política e calma de espírito — a sua freqüente intranquilidade pode ser diagnosticada por «histerismo próprio da idade»... A estatística gráfica que publicamos no nosso n.º 11, com o mapa da América e as respectivas datas revolucionárias desde o princípio do século, que provocou um lisonjeiro êxito, tanto no nosso público como no estrangeiro, facilitava a impressão conjunta dessa nevrose; mas o mais importante dessa estatística era a coincidência única de quase todas as vinte repúblicas ibero-americanas (com excepção, já se vê, do avançadíssimo Uruguay) terem sofrido uma epilepsia político-sangrenta no actual ano de 1930. Era inédita



Foi ele quem incendiou o odio amarelo na China

revelação, mas embora nos outros espíritos não tivesse havido a curiosidade de metodizar as datas e portanto de se chegar à mesma conclusão — a verdade é que se pressentia algo de semelhante nas altas esferas europeias e... americanas. Pressentia-se a coincidência pela freqüência cons-

tante de notícias revolucionárias — e ao mesmo tempo raciocinava-se buscando o segredo dessa coincidência...

«U. P.», logo no início da revolução brasileira, publica, num jornal inglês de Paris, o seguinte telegrama: «Rio de Janeiro: O ministro do Interior conferenciou largamente com o Prefeito da Polícia parecendo estar iminente a prisão de um estrangeiro universalmente conhecido, recém-chegado há pouco a esta capital e pouco depois desaparecido sem que a polícia saiba, neste momento, se abandonou o Estado federal ou se se ocultou na própria cidade, buscando o momento próprio para fugir.» E como comentário a «U. P.» acrescentava: «Consta que esse estrangeiro é o enviado especial dum «trust» europeu de armamentos que se encontra em «tournée» pela América Latina desde 1929. Foi duas vezes expulso do Peru; esteve para ser fuzilado no México; Sandino chegou a prendê-lo em Nicaragua, fugindo-lhe pouco depois; e a sua passagem pela Argentina parece iniludivelmente provada.»

A imprensa francesa, que ainda hoje se equivoca dando a Buenos-Ayres a categoria de capital brasileira, segue, neste momento, com extraordinária atenção, a revolução do Brasil. Uma nota officiosa, atribuída ao governo federal e publicada, não sabemos por mandado de quem, na maioria dos diários parisienses do dia 18, faz uma afirmação que vem esclarecer o que a «U. P.» insinuou. Segundo essa nota, o governo... «está claramente informado de que os revoltosos, no seu maior número, procedem de boa-fé, ludibriados ou suggestionados por estrangeiros que habilmente manobram o seu patriotismo ocultando-lhes os seus verdadeiros objectivos, que são inconfessáveis. Sabe-se de fonte limpa que o sr. Marcus Eversmann, estrangeiro que usa vários passaportes e que pertence ao «trust» de armamentos fundado pelo famoso Zacarias Basileios Zaharoff, foi o fomentador da actual revolução, embora, por habilidade, tivesse trabalhado na sombra, como é hábito seu proceder. A polícia procura-o activamente pois consta que se encontra ainda em território federal.»

ABD-EL-KRIM E A VINDA A LISBOA DOS AGENTES DE ZAHAROFF

Zacarias Basileios Zaharoff! O homem mais misterioso do mundo! O sangrento alquimista político de todas as guerras há mais de meio século! Aquêl que todos os governos e todos os povos odeiam! Aquêl que se fingia esmagado pela dor de perder a esposa e que fazia ultimamente uma vida de reformado! E logo os jornais franceses evocam inumeros episódios da sua enigmática existência. Mas quantos ficaram olvidados e nós vamos narrar a seguir?

Em 1923, suggestionados pela reportagem sensacional que Oteyza fizera em Marrocos — propusemos a alguns diários lisboetas a ida ao quartel-general do célebre Abd-el-Krim, para o entrevistar. Estudámos até à minucia a viagem — sabendo já por que ponto da fronteira francesa do norte da Africa devíamos passar para entrarmos na zona dominada pelo famoso cabecilla rifenho. Alguns

directores viram logo o alto interesse jornalístico desse raid — e começaram a tentar reunir os fundos necessários para as despesas, que não eram ligeiras, dada a super-abundância de imprevistos com que devíamos contar. Transpirou logo para os cafés o nosso projecto e durante uns dias falou-se intensamente nesse assunto. Foi quando um individuo de que os frequentadores da «Brasileira» do Chiado se recordarão pela certa, um estrangeiro que se dizia grego, jornalista... e jogador, —



A rebeldia dos rifenhos foi um dos seus melhores negócios

desta última profissão tiraram-se vastas provas — cuja vinda a Portugal era atribuída a um capricho boémio e que, logo de entrada, se agregara às tertulias dos literatos e da gente dos jornais, começou a procurar uma grande intimidade conosco. Três convites para jantar, que nada explicavam, foram recusados, até que, ao quarto, por uma imprudência nossa, fomos obrigados a aceitá-lo... Durante a refeição — verdadeiramente parisiense desde o cocktail até ao champagne, no último prato — o grego, cauteloso e hábil, fez escorregar a conversa para a nossa projectada entrevista com Abd-el-Krim... «Sabe?» — disse-nos. — Se não fôsem certas intimidades que me obrigam a demorar-me em Portugal, acompanhava-o... E essa viagem, longe de ser um passeio caro seria um negócio lucrativo. Tenho um grande amigo a quem interessava propor um negócio a Abd-el-Krim... Propôr não é o termo; rematá-lo, visto que já está iniciado. E só por esse trabalho insignificante — ganharia a minha independência.» E como não lhe respondessemos nem comentassemos a sua confiança, cortou o silêncio que se seguira, com esta frase, *ex-abrupto*: «E porque não há-de o meu amigo aproveitar essa oportunidade? Teria o maior prazer em apresentá-lo a um representante dele,

que se encontra precisamente em Lisboa...» O modo brusco e sêco como o silênciamos; o mutismo em que nos fechámos; à pressa com que nos separámos do grêgo — impediu-o não só de prosseguir naquela noite como também de nos abordar quando se cruzava conosco. Fômos imprudentes... Assustámos a caça...

O raid não se fez — pela falta de recursos da nossa imprensa. No fundo alegrámo-nos. Não sabemos porque — sentimos um vago terror moral por



Alquimista maquiavélico da morte e da guerra

esse projecto que, antes dos desabaços do grego, nos entusiasmará. E pouco depois, a imprensa mundial acusava Zaharoff de ser, não só o fornecedor do armamento de Abd-el-Krim, como o fomentador das suas continuas rebeldias...

OS PRÍNCIPIOS DO «HOMEM MISTERIOSO»

Zaharoff — Zaharoff... Já é tempo de o apresentarmos «pessoalmente» aos nossos leitores. Esse homem, que foi — e é ainda, ao que parece — o mais nocivo para a Humanidade que a Humanidade conheceu nos últimos 50 anos, nasceu humildemente, em 8 de Outubro de 1849, em Uingla, uma sórdida aldeia da Asia Menor. Os seus pais, gente pobre e cheia de filhos, baptizaram-no com o nome de Zacarias Basileios Zaharoff. Um jovem reporter americano, Teddy Walters, que é o seu melhor biógrafo, conta que ele passou os primeiros anos na miséria, em Constantinopla. Graças a um tio materno que lhe deu abrigo e a um rico compatriota que o protegia — pôde seguir uns estudos na escola britânica da capital turca. Em breve os interrompeu para ajudar o pai. Foi sucessiva-

mente agente de câmbios, bombeiro, cicerone e porteiro de hotel. Criado no cosmopolitismo das margens do Bósforo, falava o grego, o turco, o bulgaro, o romão, o francês, o inglês e o castelhano.

O tio que o protegia — conta Teddy — empregou-o na sua loja e tão contente estava com a sua actividade que lhe escreveu uma carta garantindo-lhe participação nos lucros — o que nunca fez. Anos depois, o joven Zaharoff, farto de esperar, resolveu tomá-los por sua conta e partiu para Londres. O tio queixou-se à policia inglesa, e esta, como Zaharoff não provasse a promessa do tio por ter perdido a carta, ficou convencida da sua culpabilidade. Mas a boa sina de Zaharoff já brilhava então... No próprio dia do julgamento, por estar muito frio, desenterra dum baú um sobretudo em que não tocara desde que partira da Turquia — e com grande espanto encontra a carta salvadora num dos bolsos. Absolvido — regressa aos Balkans. Mas em vez de se fixar em Constantinopla — instala-se em Athenas. O ambiente, porém, é-lhe desfavoravel. Ninguém o aceita. Só o deputado e influente politico Skuludis o acolhe — graças a um *truc* de Zaharoff. E graças a este *truc* Zaharoff contou sempre com a amizade e o auxilio de Skuludis...

UM MORTO QUE RESSUSCITA... PARA MAL DA HUMANIDADE

Zaharoff tinha então um grande adversário — por causa de rivalidade amorosa — o reporter Xanos do jornal «Mikra Efemeris»; e Xanos, para se impôr e aproveitando-se da ausencia do seu inimigo, publica um artigo dizendo que este fugira do cárcere em que estava preso por ladrão e que fôra fuzilado por uma sentinela. Passam-se anos e só muito tarde, quando Zaharoff necessita fazer prevalecer a sua personalidade cívica, é que se choca com a sua própria morte. E como de facto havia um preso evadido e fuzilado, desenterra-se o cadaver e prova-se, pela falta de dentes do morto, que o morto não era Zaharoff. Zaharoff ressuscita — para mal da Humanidade...

Zaharoff fixa-se em Athenas onde, graças ainda ao seu amigo Skuludis, encontra um belo emprego — o de substituir um capitão sueco, representante da fabrica de armamentos inglesa «Nordenfeldt» — visto que aquelle official se encontra rico e doente. E assim — em 1872 — o futuro «Homem mais misterioso do mundo» conseguiu o belo ordenado — para a época — de vinte e cinco libras mensais. E a partir desse momento — tudo protege este ambicioso. A guerra russo-turca (1877) marca o início de uma duradoura luta pela independencia dos Estados balkanicos. Zaharoff alia o furo de comerciante á agilidade do diplomata. Durante muitos anos o governo grego destina 4/5 das suas receitas ou seja 16.000.000 francos, ouro, para compra de armamentos. Quem os vende, na sua grande maioria? E' Zaharoff! Mas a sua grande façanha foi vender á Grecia o primeiro submarino do mundo. Todas as potências — incredulas! — tinham-se negado a adquiri-lo. Zaharoff convence o governo da sua pátria a comprá-lo; e como a Turquia, inimiga histórica da Grecia, não podia ficar atrás — o mesmo «patriota» vende ao inimigo três submarinos.

Mas eis que aparece um rival poderoso... E' o americano Maxim — inventor das metralhadoras do seu nome — que se prepara para invadir a Europa, começando as experiencias em Viena. Zaharoff encarrega-se de fazer fracassar o seu rival. Parte para Viena; e quando após os exercicios, os officiais do Estado Maior e o próprio imperador se mostram maravilhados com os resultados obtidos, Zaharoff segreda aos ouvidos dalguns: — «Os senhores não vêem que essa metralhadora só dá resultado manobrada pelo próprio Maxim? E' uma acrobacia, um numero de circo — e mais nada; e em vez de trazer vantagens — traz um perigo enorme para o vosso exercito!»

A intriga de Zaharoff deu bons frutos. A desconfiança alastrara-se — e o governo austriaco recusa-se a comprar as metralhadoras. Mas Maxim bem depressa compreendeu que Zaharoff, sendo um rival temível, seria um aliado importante. Foi vê-lo e Zaharoff aceitou a aliança — uma aliança que devia transformar a face do mundo. Só o valor das patentes das duas casas subia a 18.000.000 de marcos...

O AMOR E OS CANHÕES

Sans blague... Ao mesmo tempo que o ralo de ação de Zaharoff se dilata e envolve a politica mundial e toda a diplomacia secreta; simultaneamente á sua vitória junto do governo russo de quem se torna unico fornecedor de material de guerra — o amor vem acariciá-lo — amor romantico, amor de poeta... Durante uma viagem á Suíça conhece uma ilustre dama da aristocracia espanhola, D. Maria del Pilar Antonia Angela Patrocínio Simona de Unguero e Barmete, esposa do Duque de Villafranca de los Caballeros e princesa de Bourbon. A duquesa é muito infeliz. O marido é um enfermo de táras seculares e está a dois passos do manicomio. Zaharoff, novo ainda, com algo de d'Artagnan moderno e um ar de aventureiro, causa-lhe uma profunda impressão. É como a esperança viva da ventura a que ela tinha direito e que julga já impossível. Começa então para os dois uma vida de suplicios, de mentiras, de fingimentos, de ansiedades.

Mas Zaharoff nem mesmo na apoteose do amor esquece os negocios. Graças ás influencias da duquesa consegue ser o principal fornecedor do Exercito espanhol daquela época — firmando em Madrid um primeiro contrato no valor de 120.000.000 de pesetas... Amor e canhões... *Sans blague*...



Aquele homem deixou atrás de si um rastro de sangue e de miséria

O *trust* de Zaharoff aumenta sempre; funde-se com a casa Vickers. O seu capital suplantava a propria Krupp. As suas filiais e fabricas pululavam na Italia, Espanha, Russia, Japão e Canadá. Depois —

(Conclui na pag. 15)

OS ARTISTAS PERANTE A FOME

Revela-se como alguns escritores, jornalistas e artistas da actual geração venceram o espectro das privações com atitudes espirituosas e heroicas, que a História não cita

HÁ sempre na vida dos artistas uma parte que a história raras vezes foca: é a sua miséria. Sabe-se a maneira como firmaram a sua técnica, conhecem-se os seus amores mais ou menos secretos, revela-se a marca preferida de tabaco, mas ignora-se a forma como venceram as suas privações. Cada artista vitorioso encontra uma maneira original e muito sua de vencer a fome. Zamacois, o grande escritor espanhol que sonhou com a glória em Paris, — Paris a deusa sedutora e, por vezes, bem cruel, que fascina os ar-

passámos fome, algumas vezes? Certamente, por causa da poesia e das flores, mas a culpa não era bem das rosas, nem das musas...

«A culpa era das espanhólas e das artistas estrangeiras. Por causa delas é que nós ficávamos sem sobretudo e sem jantar. Algumas vezes, para acudir a um enamorado do grupo, três de nós não jantávamos, para se poder comprar um ramo de flores e oferecê-lo em nome do preferido. Os tempos mudaram. Então, a fome era alegre e todos a encaravam com elegância; tanto, que filhos de muito boas famílias participavam da nossa miséria, ficando com ela muito lisongeados.»

Silva Passos, que nos dá a impressão de ser o consul geral de Portugal no Parnaso, é incontestavelmente um dos grandes estetas da miséria.

Parece até que as dificuldades o procuram para gozar da sua convivência de perfeito *charmeur*.

Diz-se de muita gente: «Poucos como fulano, sabem vestir uma casaca». Podia dizer-se de Silva Passos: «Ninguém como ele sabe prescindir de um sobretudo». A sua elegância vale um guarda-roupa e um palácio.

As suas dificuldades têm um biótipo: Uma flôr estridente, infantil, colorindo-lhe a boteeira.

Uma tarde, aparece num grupo de rapazes, gente das Letras, dos jornais. Vinha um pouco grave. — «Que teria hoje o Silva Passos?»

Espansivo, risonho, ele explodiu: «Rapazes: Venho de um opiparzo banquete, um autentico Trimalcio...»

Foi a unica vez que o não vi com a flôr flamejante na boteeira...

UM PIANO CAIXA-ECONÓMICA

Ruy Coelho, que teve uma linda fase combativa, era um meticuloso. A arte era o seu refúgio e o seu estímulo. Quem o observasse lutando, julgaria ser ele um desordenado. Puro engano!

Ruy Coelho, na luta contra a fome, era prudente. O seu piano era o seu maior amigo, o seu mais leal defensor. A caixa do piano era uma espécie de cofre-forte. Todos os meses, Ruy Coelho, lá defrontava quinze mil reis. Cada dia, depois de passar algumas horas os dedos sobre as teclas,

Franco lhe foram acudir para o libertar, a despesa crescera. Eram dez cafés, duas duzias de brioches... O valor de duas ou três boas refeições!

D. Tomás de Almeida vencía as suas dificuldades em cooperativa. Nela tomavam parte o pintor Antonio Soares, o poeta Ferreira Gomes, e o poeta Silva Tavares.

Almada Negreiros vencía as suas horas más, com paradoxos. Procedia como um geometro. — «A fome? «Só lhe conheci as extremidades.»

Em regra a fome só lhe batia à porta quando o



Gualdino Gomes



Arnaldo Pereira

tistas do mundo inteiro — passou fomes heroicas e inventou mil *trucs* para vencê-la. Um deles, quando a sua prodigiosa imaginação principiava a falhar na busca de artimanhas para apanhar um pedaço de pão, é bem curioso. Conta-o ele nas suas memórias — *Años de risa y de miséria*. Intitulando-se redactor dum grande jornal espanhol, que existia apenas na sua fantasia, começou a visitar as maiores celebridades nas Letras, a quem pedía todas as suas obras para sobre elas fazer um fargo estudo crítico. Anatole France, Mirbeau, Bourget, Daudet, todos os grandes literatos lhe ofereceram com amáveis dedicatórias as suas numerosas obras. E Zamacois, logo que as recebia, vendia-as por meia dúzia de francos, com dedicatória e tudo, no primeiro alfarrabista. Como havia muitos escritores gloriosos em Paris, esta habilidade permitiu-lhe alimentar-se por muito tempo.

RECORDA-SE O TEMPO DOS CONSELHEIROS

Ora, o grande público, que conhece artistas através do brilho do seu nome e da sua obra, imagina-os bem diferentes do que realmente são, e poucas vezes pensa que eles também conheceram a miséria. Revelar a maneira como esses espíritos superiores encararam as suas privações não amesquinha os que as sofreram e serve de admirável lição para os leitores que se encontrem ou venham a encontrar-se em semelhante situação.

Gualdino Gomes, príncipe da ironia, grande companheiro do cavaco literário de três gerações, também, muito antes de chegar a director da Biblioteca Nacional, conheceu tremendas dificuldades, horas trágicas em que é precisa toda a presença de espírito para acudir à falta de material... para uma refeição. Ouçamo-lo:

—... Simplesmente, no nosso tempo essas desgraças não eram trágicas. A «larica» na literatura do meu tempo não passava de uma tragédia lírica. Na geração de hoje, a miséria deve ser um inferno. As condições de vida mudaram muito. O antigo conselheiro não desgostava de uma pandega. Era um bom *vivant* e muitas vezes acamaradava. Foram-se os conselheiros, ficaram os novos ricos, que são insuportáveis de egoísmo e de grosseria. Se



Almada Negreiros



José Pacheco

abria a caixa e retirava cinco tostões. Era a conta certa. O pior era quando o mês tinha trinta e um dias!

Homem Cristo (Filho) era o proprio génio da aventura. A sua vida em Paris, com o architecto José Pacheco, e Carlos Franco, dava um precioso volume, que se podia intitular: «100 maneiras de encontrar um banquete sem dinheiro.»

Uma vez no café «Source», ficou 16 horas hipotecado, de reféns à despesa de um café com leite e um brioché. Quando José Pacheco e Carlos



Ferreira de Castro



Ruy Coelho

artista pretendia isolar-se. Para ele a solidão era o sanatório do Eu. Assim a fome deixava de ser trágica. Não passava de um jejum na vida de eremita a prestações. Se as necessidades apertavam, abandonava o seu refúgio e com meia hora de cavaco Almada Negreiros resolvia o seu problema.

Conversador scintilante, em muito boas casas havia sempre um talher que o aguardava. Era só questionar de escolher com método e com prudência...

CALDO VERDE... E «CHAMPANHE»

O malgrado jornalista Arnaldo Pereira combatia a miséria com a sedutora miragem da desforra. Quando não tinha que comer, trabalhava, trabalhava muito, para capitalizar. Quando chegava a vez de receber a compensação do seu labôr esgotante, vingava-se dos maus dias, a caldo verde... a «champanhe».

Outro jornalista, que a morte levou tão cedo, Afonso de Bragança, fazia das suas horas negras, um trocadilho: «Para os poetas as estrelas brilham no fundo do estômago vazio como no fundo dum poço numa tarde de sol. Há muitas obras de arte cujo segredo pertence ao ritmo do estômago a dar horas... para a eternidade.»

Afonso de Bragança tinha bastante talento para saber apreciar esse ritmo e dele extrair uma graça espumosa.

José Pacheco conheceu em Paris horas de pôr os cabelos em pé. Ante a perspectiva da fome, José Pacheco vestia uma impenetravel couraça: o dandismo.

Os seus companheiros em Paris, quando viam José Pacheco entrar no *restaurant*, apumado, *chic*, depois de descer de um automóvel, e encomendar um jantar de príncipe, já sabiam que ele estava ameaçado de ficar prisioneiro.

ALIMENTAÇÃO SCIENTÍFICA: CIMENTO ARMADO

Mário Domingues conheceu horas bem amargas. Serenamente, como quem cumpre as prova-

(Conclui na pag. 14)

Negócios que nem lembram ao Diabo

Agências extravagantes e maravilhosas—A “Cook” das viagens fantásticas—Vaidades burguesas—Os que veraneiam pelo correio

«A minha querida Teresa confia demasiado no seu marido... Os homens! Ah! Os homens! Com que talento eles burlam a nossa inocência... Eu se fôsse a minha bôa amiga não acreditava nessas freqüentes viagens ao estrangeiro... la jurar que esses negócios com a Inglaterra, com a Suecia, com a Tcheco-Slovaquia se resumem numa lua de mel com alguma bailarina da Companhia russa que está no Coliseu ou com qualquer das cómicas francesas que vieram no «Ba-ta-clan»... Aposto que o seu marido, quando está nessas viagens lá por fóra só lhe escreve por intermédio do seu sócio — e que as suas cartas de Londres ou de Stokolmo vêm, sem selo nem carimbo, dentro das que êle envia ao escritório — por... economia de estampilha. Conheço o *truc*... O meu terceiro marido, antes de morrer, tambem o usou — mas eu desmascarei-o logo...»

Teresa, jovem recém-casada, que as primeiras insinuações corresivas da «velha e sábia amiga» alarmaram, no terror de se vêr traída, até quasi fazer beicinho, tranquilizara-se por fim. E farta já de tanta intriga e maldade, sentindo o amor próprio de mulher injustamente assaltado, ergueu-se, com as faces a escarlatarem-se, e abrindo um contador hispano-árabe dêle retirou um punhado de cartas, atirando-o, num gesto provocador, para o côlo da especialista da desharmonia alheia. E esta, ao vêr todos os envelopes estampilhados com os minúsculos e policromos cartazes — que são os selos — de Inglaterra, da Suecia e da Tcheco-Slovaquia; carimbados, nas datas que coincidiã com o trajecto que Teresa anteriormente tinha revelado — viu-se na tremenda necessidade de não insistir na sua venenosa missão...

UM VERÃO ARISTOCRÁTICO

—O que tens tu? Que bicho te mordeu? — indagou o marido de Lulú ao notar, entrando em casa, no eloqüente, embora silencioso, mau humor da esposa. Ela respondeu com uma sacudidela de ombros e mal dando tempo a que o Zéca a beijasse. Ele, habituado àquele calendário londrino do lar, assobiou a «Viuva Alegre» sonhando com a alegria de ser viuvo e preparou-se para o jantar, que decorreu triste, monótono. Lulú, derrotada pelo indiferentismo do espôso ante a sua ofensiva feroz de silêncio, e temendo que Zéca sáisse sem que ela pu-

desse fazer a pontaria dos seus caprichos à bôlsa do marido — mudou de tática. Com ar húmilde e apenado, anunciou que a Guida lhe escrevera. «Aquela é que teve sorte!» Zéca sentiu-se vexado com o comentário. Sorte — porquê? Em que predicado era o Tomás, espôso de Guida, superior a êle, Zéca? Seria por faltar-lhe os dentes e por não haver abdicado nunca dos seus modos de mestre de obras — ponto de partida para a sua actual situação de barraqueiro dos pseudo «arranha-céus» dos bairros novos?

—A sorte de Guida — esclareceu ela, sem se impacientar — está em que se diverte e goza a mocidade. Ainda não há um mês que veio de Paris — de onde nos mandou aquela linda colecção de postais — e agora veraneia em S. Sebastian devendo partir já na próxima semana para Biarritz, Nice e Monte-Carlo, segundo informa na carta que recebi hoje.

Zéca não podia compreender aquêles luxos. O Tomás andava mal de fundos. Os últimos esfarelamentos das suas gaiolas tinham inutilizado a sua *escroquerie* de construtor mal intencionado, deixando-o sem vintem e cheio de dívidas. Como conseguia êle capital para tais despesas?...

—Leva-me a Paris, Zéquinha, não sejas mauzinho para a tua Luluzinha — piegou ela, arriscando no pleno da sua vaidade exaltada pela «sorte da amiga» tôdos os seus recursos de meiguice.

—Não posso, mulher! — declarou lealmente Zéca. — Como queres tu que eu vá gastar em passeatas o pouco que tenho para o negócio?

—O que eu sei, Zéca, — replicou Lulú no nervosismo do jogador que perdeu a partida e que se zanga, sem razão, com o *croupier* — é que tôdas as nossas amigas já sabem, pelos postais de Guida, que ela anda pelo estrangeiro — e que

eu não saio de Lisboa. Ora eu não sou menos do que ela — ouviste! Como é que o Tomás, que tu mesmo confessas que está em pior situação do que tu, consegue fazer a vontade à mulher?

Zéca fixou o olhar no centro da mesa; acariciou a barba; e numa voz solene exclamou: — «Mistérios da vida moderna!»

A AGÊNCIA DAS VIAGENS FANTÁSTICAS

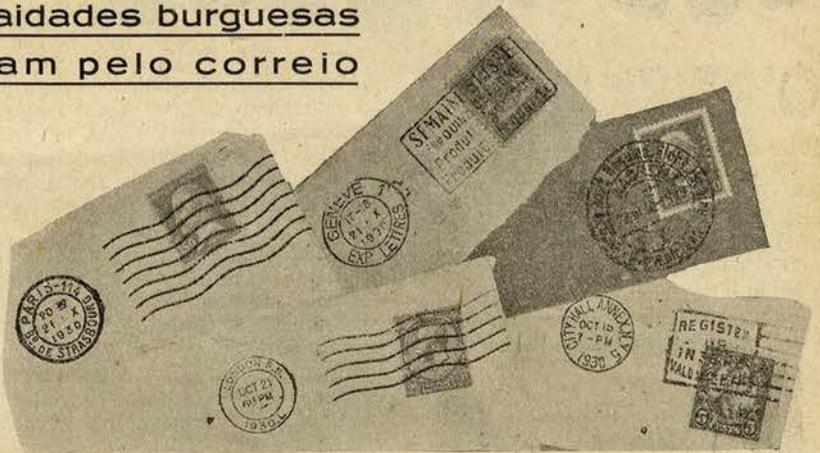
O marido de Teresa estava a almoçar, em pyjama, em casa de M.lle Z..., a favorita do seu disperso harem, quando a criada veio anunciar o sócio. «Oh! E' o Menezes? Que entre! Que entre!» Me nezes não acreditava no que estava vendendo! — «Mas há quanto tempo vives tu aqui?»

—Há oito dias — e espero continuar ainda mais umas semanas! Minha mulher? Está absolutamente convencida de que ando a aborrecer-me numa viagem de negócios. Todos os dias recebe cartas minhas de Londres; de segunda-feira em diante recebê-las-á de Stokolmo — e depois de Praga e Viena.

—Mas como arranjas tu isso?

—Muito simples. A «Agence International des Timbrages» é uma maravilha para os maridos poucos fieis. Travei relações com ela através dum anúncio da «Vie Parisienne». Ela encarrega-se de fornecer papel de carta e envelopes de todos os grandes hotéis do mundo, transatlânticos, casinos, clubes, etc. A gente escreve nesse papel, manda as cartas à agencia acompanhadas de uma nota com as datas, as proveniencias e as direcções de cada uma; e a agencia, seguindo essa nota, vai reexpedindo-as com o selo e o ca-

(Conclui na pág. 14)



O PREÇO DO SANGUE HUMANO

Os grandes diários costumam intercalar nos *casos da rua* umas pequenas notícias que o público, ávido de sensações, despreza.

Há dias vinha uma, nos seguintes termos: «No hospital X fez-se com êxito mais uma transfusão de sangue. O *dadôr* foi o enfermeiro fulano.»

O sublinhado da palavra *dadôr* é meu e muito intencional.

Sim, meus amigos, há *dadôres* de sangue na nossa terra. Há em Portugal anô-



Sangue mais caro do que o ouro para as transfusões de doentes caros

nimos que *dão* a própria vida aos centímetros cúbicos.

Há *ainda* homens de rija tempera e de bom coração que num gesto quichotesco salvam a vida do seu semelhante, à custa do próprio sangue.

O que me comove principalmente nesses heróis é a sua espontaneidade e a absoluta abnegação com que praticam o bem.

HEROIS E HEROIS

O bombeiro que se expõe às chamas e às derrocadas para salvar haveres e vidas é um herói, mas é pago para isso; e mesmo o bombeiro voluntário que nada recebe pela sua benemerência tem a recompensa do seu acto em medalhas, retratos nos jornais e artigos justamente laudatórios.

O soldado que enfrenta o inimigo e avança alucinado sob o chuveiro das balas é herói mas é citado na ordem, promovido e além disso recebeu o seu *pret* — a soldada devida ao seu ofício de militar.

Mas o enfermeiro Fulano é pago para ser enfermeiro e não para dar sangue, e o anónimo (porque também há anónimos!) que se oferece para salvar uma vida, enfim o *dadôr* de sangue é mais herói, se se pode dar graduações à heroicidade.

O *dadôr* de sangue é um homem do pòvo, um operário, um desconhecido e desconhecido continua a ser depois da sua heroicidade, pois o leitor do jornal passa indiferente sobre a notícia de cinco linhas e bebe ávido os julgamentos nos pequenos delitos, a prisão da gatuna de forasteiros, ou o último caso de «conto do vigário».

O NEGÓCIO DO SANGUE

Em certos países a transfusão do sangue não é uma operação em que a *matéria prima* é fornecida grátis como em Portugal.

Há *vendedores* de sangue na Alemanha, França, Belgica, Holanda, etc.. E curioso é que neste país o sangue é vendido, não pelos holandeses mas pelos luxemburgueses.

Em Inglaterra, o país onde a medicina é ainda uma ciência infusa, quando há necessidade de *sangue humano*, vai-se buscar ao continente: França ou Belgica e o transporte dos vendedores de vida faz-se em confortáveis aeroplanos, rápidos, precisos e... custosos.

Em Inglaterra, o valor do centímetro cúbico de sangue, contando com transportes, alimentação super-abundante e terapêutica, antes e depois da operação, sobe a duzentas e cinquenta libras, o que, traduzido para português, dá a linda soma de *vinte e cinco mil escudos*.

E' claro que essa operação só é realizada em indivíduos *caros*.

Na Alemanha, Suíça, Italia e França há, nos hospitais, postos de prontas-chamadas para casos de transfusão urgente.

Em França os vendedores de sangue (quando digo França falo em Paris) são recrutados nos *agents-ciclistes* e nos *forts-des-Hales* e o preço do centímetro cúbico a *qualquer hora* é de dez luíses, ou seja aproximadamente cento e sessenta escudos.

Mas onde o sangue humano é altamente e inteligentemente cotado é na America do Norte, o país do cimento armado, do filme e do dólar.

Aí há a *indústria* do sangue humano perfeitamente instalada.

(Conclui na pag. 14)

SUBSÍDIOS PARA A HISTÓRIA

D. Carlos morto por acaso?

Alguns elementos que podem destruir a hipótese de o regicídio foi obra de muitos preparada meticulosamente

«SIM, meu caro amigo, D. Carlos e o Príncipe Luís Felipe foram mortos por acaso.»

O tom convicto em que esta frase fôra pronunciada, as ideias monárquicas conservadoras de quem a proferira, deixaram-nos confusos, surpresos.

O nosso interlocutor é um antigo político da monarquia, um homem fiel às tradições, que, após a implantação da



D. Carlos

João Franco

Répública, não transigiu com o novo regime, não aderiu, não pactuou com os antigos adversários. Preferiu recolher-se nobremente ao anonimato e ao silêncio. E é o respeito por essa sua atitude cheia de nobreza que nos obriga a calar o seu nome neste momento. Mas não é o seu nome que mais interessa, são as suas afirmações plenas de lógica que merecem a máxima publicidade.

—A História — dizia-nos êle, uma tarde, a um canto discreto e penumbroso de café — regista sempre o nome ou nomes dos regicidas, fanáticos que oferecem a própria vida, matando, e não aproveitando do seu crime; mas o que raras vezes consigna, por lhe faltarem talvez os meios de averiguação exactos, é aquilo a que chamarei o ambiente conspiratório que precede o crime. A História é toda feita de deduções mais ou menos lógicas e neste caso da morte de D. Carlos é legítimo que a nossa imaginação desempenhe o seu papel e explique o que, decorridos vinte e três anos, ainda ninguém explicou suficientemente.

AS PEREMPTÓRIAS DECLARAÇÕES DE JOÃO FRANCO

—O senhor lembra-se de ter constado há anos que existia uma acta do regicídio, acta que o dr. Sidónio Pais quis adquirir, embora a tróco de uma fortuna? Diz-se mais que o antigo revolucionário possuidor desse documento importantíssimo para a nossa História se recusou a vendê-lo para não comprometer muitos

(Conclui na pag. 14)

ONDE ESTAO E ONDE VIVEM

os fabricantes de cédulas de tostão que enriqueceram em 1923?

Uma reportagem retrospectiva que é também de... actualidade

O antigo «moedeiro falso» parece definitivamente sepultado nos romances de Terrail. Substitui-o o «falsificador de notas». Aquêlê era o «trabalhador», o «operário» da fraude; êste o «burguês» da burla. O «moedeiro falso» — e Camilo evoca os mais célebres do século XIX — fabricava, de preferência, moedas de cobre. A falta de maquinismo e de capital agravada pelas mesmas dificuldades com que na Idade Média se cunhava o dinheiro, e ainda a certeza do degredo (todos morreram encarcerados), tornava esse crime numa especie de calvario e o delinquente num romântico. E tanto assim que Camilo, na sua galeria dos «moedeiros», retrata-os sempre como entes tristes, de passado limpo, bons chefes de família, vivendo tão modestamente depois como antes do crime — e praticando-o na certeza do carcere.

O FALSIFICADOR DE NOTAS

Ah! Mas o falsificador de notas é, na maioria dos casos, muito mais feliz. Não falsifica — manda falsificar, recrutando selecto pessoal — um bom desenhador e um bom tipografo. Em todos os países a «nota falsa» constitui uma intoxicação financeira permanente. A Alemanha publica quasi todos os anos uma especie de anuario com perto de 500 páginas, destinado a todos os bancos e cambistas da terra, com as litografias comentadas e anotadas das principais falsificações correntes, de notas, divididas por países. Essa especie de almanaque que fez a fortuna dos editores e que é um «detective» de papel, pelos prejuizos causados aos «passadores», revela esta tremenda verdade: só na Austria, no ano 1928, circularam notas falsas de «cento e trinta» proveniências diferentes.

Tendo o director da policia secreta de Viena sido atacado pela imprensa — respondeu com este argumento: «O falsificador de notas é o melhor defenido de todos os criminosos, e na propria Inglaterra, pátria de Sherlock, onde as estatísticas dão apenas a percentagem de 10 por cento de impunidade nos outros crimes — neste confessam que apenas 15 por cento são descobertos pela policia ou seja que 85 por cento dos falsificadores ingleses gozam de absoluta liberdade apesar das maravilhas de Scotland Yard.»

1923

Portugal não podia fugir à regra geral — ou seja *universal*. Entre nós também campeou a falsificação de notas — a qual, felizmente para o Estado, não poderá nunca mais repetir-se. E já pelos aspectos pitorescos que teatralizaram engenhosamente essa fraude, já pela forma como nasceu, como se desenvolveu e se extinguiu, já pelas fortunas que proporcionou; e ainda pela impunidade que gozaram, nessa época, os seus «azes», e pelo silêncio com que a abafaram — merece ser evocada de novo. Isso foi em 1923, e tanto em Lisboa como na provincia acentuava-se a falta de trocos... Lembram-se?

Era uma verdadeira catástrofe — pelo que dificultava todas as transacções, principalmente as pequenas e portanto as que atingiam a maior parte da população. A Casa da Moeda — sempre em 1923! — inundou o país de cédulas de 10 centavos impressas a cor azul — uma autentica *camelotte*, mal feitas e em péssimo papel. Um mês de

circulação bastara para as tornar irreconhecíveis, enodoadas, gordurosas, destroçadas, quando não destruidas por completo. O publico e a imprensa protestaram — mas só foram escutados por uma entidade: pela dos falsificadores. Pouco depois surgiram milhares de cedulas falsas. O publico, ignorando a sua legal proveniencia porque as via novinhas, brilhantes, higienicas, ao passo que as outras estavam encadernadas em cêbo, acolheu-as com entusiasmo. E' que os falsificadores... eram honestos — relativamente, já se vê. Para bem



Todo o povo, de boa-fé, passava as cédulas falsas

servirem os seus clientes esmeravam-se no fabrico e no material. As prosperidades do negocio animavam os fabricantes e multiplicavam-os. Seis meses mais tarde contavam-se, entre industriais, operários, empregados, passadores e intermediários, algumas centenas de indivíduos que viviam — e à larga — da falsificação.

As fabricas constavam de pequenas «tipografias», conhecidas pela pitoresca designação de «catraias». Estavam quasi sempre instaladas em quintos andares ou em trapeiras. Numa delas, que funcionava para as bandas das avenidas novas, chegaram a trabalhar 8 pessoas. Nem mesmo assim atendiam as encomendas que vinham de todo o país. O seu proprietario, para servir toda a clientela, resolveu abrir duas sucursais: uma no Algarve, outra numa cidade do Minho. Chegava à terra escolhida como se fosse agente de uma companhia de seguros, buscava uma casa apropriada, e longe dos ouvidos indiscretos, punha-lhe tabuleta; as máquinas entravam encaixotadas — como se fossem utensilios de escritório; e os operários, que de dia se exibiam abancados frente a livros de contabilidade, de madrugada, à porta fechada, imprimiam cédulas. O empresário viu, durante dois meses, triplicarem os seus lucros. Mas ao terceiro as sucursais tornaram-se independentes — e os operários... patrões. O industrial limitava-se a vender as cédulas por 40 por cento do seu valor. O intermediário, ao fornecê-las em grandes quantidades, obtinha, sem a menor dificuldade ou perigo, um lucro de 10 por cento. Os passadores eram, quasi sempre, indivíduos que transacciona-

D. Carlos morto por acaso? Os artistas perante a fome

(Continuação da pag. 13)

ameaças e avisos nos últimos tempos, e de modo especial se lhes referia um dos oficiais da policia, na ocasião de ser ouvido pelo Conselho de Ministros, reunido em 29 de Janeiro no Ministerio do Reino; nada elle dissera, porém, acerca d'El-Rei e do seu proximo regresso á capital. O mesmo já acontecera com outra pessoa, três ou quatro dias antes do 28 de Janeiro. Um intimo amigo meu, e valioso amigo politico também, fôra procurado por uma figura republicana das suas antigas relações de estima, a fim de o prevenir de que devia lutar comigo para eu sair por alguns dias de Lisboa sob qualquer pretexto, pois a minha vida corria grande e imminente risco. Mas, nessa conversa, nem por sombras se fizera a menor allusão á pessoa do Rei.»

AS INTENÇÕES BEM CLARAS DO BUIÇA E DO COSTA

Após a leitura deste trecho de João Franco, que o nosso interlocutor havia sacado de um montão de papeis que trazia no bolso, mostrou-nos outro papel, dizendo-nos:

— Como vê, estou bem documentado. Leia isto.

Lêmos. Era a transcrição de um trecho das memórias de Raúl Brandão, que copiamos para aqui:

— «O regicídio não foi preparado. O Juiz de Instrução errou procurando e querendo forçosamente encontrar um *complot* organizado para matar o rei.»

— «Eu é que vou dar cabo do João Franco.

— E eu também vou.

— Você não, que tem filhos.»

Este diálogo foi travado uma noite no Café Gelo, entre Alfredo Costa e Manuel Buiça.

No dia seguinte ao desta conversa o Costa declarou a alguém:

— «Hoje vamos matar o João Franco. Esperamo-lo na rua Alexandre Herculano. O Buiça leva a carabina e dá um tiro na orelha do cavallo e eu atiro-me para a carruagem e mato-o como a um bicho.»

— «Vai lá acima e diz ao Buiça que aquele ladrão ainda nos escapa.

— O Ribeiro largou, mas o Costa, impaciente, seguiu-lhe na peugada e juntando-se ao Buiça repetiu:

— «Aquele ladrão escapa-nos mais uma vez.

vam em feiras e mercados — havendo, entre elles, «acreditados comerciantes da praça». Diariamente, caíam das famosas «catraias» sobre o país montões de cédulas que desapareciam num imenso sorvedouro. Ninguém desconfiava, nem a policia, e os clientes, sempre no engodo da boa apresentação do «artigo», chegavam a meter empenhos para obter um «continho» ou dois daquellas cédulas novinhas que os passadores diziam vir directamente da «Casa da Moeda» graças á amizade que mantinham com um funcionario de lá. Várias casas comerciais, convencidas da autenticidade desta afirmação do fornecedor, encomendavam-nas e ainda por cima lhes ofereciam uma comissão; e um importante estabelecimento da rua do Amparo, entre muitos, adquiriu, de boa fé, dezenas de contos.

Para que esta industria clandestina em tudo se assemelhasse ás legais — até se fez sentir, dentro della, a lei da concorrência. Multiplicando-se as fabricas — os operarios tornavam-se exigentes com os salarios. Um modesto impressor — e era em 1923 — ganhava trezentos escudos semanais e exigia o dobro sob a ameaça de passar aos concor-

ções dum apostolado, elle aprendia em si próprio toda a tortura dos desgraçados que lhe têm inspirado memoraveis páginas no jornalismo, no conto e na novela.

Em Mario Domingues, a fome era uma tragédia para os desgraçados com quem foi obrigado a conviver. Para elle, foi uma aprendizagem, foi um assunto que elle conheceu honestamente, porque a soube viver sem o menor disfarce.

Ferreira de Castro foi um lutador. Passou cruéis vicissitudes. Arcou com elas como um atleta. Trabalhava sempre. Passámos, juntos, horas de uma rara beleza, nesse duro combate ás privações.

Ao falar de Ferreira de Castro, sem querer, falei de mim.

O poeta Ferreira Gomes defendia-se do horrivel fantasma da alimentação scientifica. «Era como se partisse para o deserto, onde não há nada: só areia e sonho. Então comia bolacha de água e sal, a que chamava «cimento armado». Como podia, em casa, á mesa de um café, compunha versos. Quando saía á rua a bater-se com a fome, era rígido, fleumático como um inglês comandante de caravana.

EDUARDO FRIAS

«Nesse momento, ao fundo, aparecia a carruagem real.

— E se nós — continuou elle — deitássemos aqueles abaixo?

«E o Buiça respondeu prontamente:

— «Vamos a isso.»

O nosso interlocutor olhou-nos com ar de triunfo e de desafio.

— Ouça — segredou elle: — O amigo de que lhe falei há pouco disse-me que o possuidor da acta do regicídio lhe declarou que a ideia de matarem o rei e o principe fôra insinuada no animo do Buiça e do Costa por alguém que os acompanhava no Terreiro do Paço, na tarde trágica de 1 de Fevereiro de 1908. Quem era esse misterioso instigador, o que de momento preparou aquella cilada macabra? Eis o grande mistério desse crime. Nunca ninguém falou desse homem, cuja existência é ignorada para a maioria dos portugueses.

Foram D. Carlos e D. Luís Felipe mortos por acaso? Eis a grande incógnita da nossa História que os vindouros possivelmente resolverão.

ARTUR INÊS

rentes. Uma tarde, num café retirado duma rua paralela á do Ouro, assistimos a uma scena (que só mais tarde nos foi explicada) em que um grupo de «grévistas» de uma fabrica de cédulas parlamentava com o patrão — acabando este por ceder com 70 por cento de aumento.

A concorrência começou a prejudicar a industria. Ofereciam as cédulas com a mesma lingua-lenga encomiastica que os caixeiros de praça entoam ao encarecerem o valor dos artigos que vendem — vendo-se por fim os fabricantes na necessidade de ceder o seu produto por 25 por cento do seu valor... Mas um dia — precisamente quando o «negócio» começava a asfixiar pela concorrência — sou a hora da retirada de circulação das cédulas de 10 centavos. As fabricas começaram a fechar, umas após outras.

Não há bem que sempre dure... Mas este, apesar de ter durado pouco, permitiu que muitos cavalheiros se enriquecessem e que andem por aí de automovel, rebrilhando joias, fumando charutos caros — e olhando com desprezo para nós, pobres peões, que só temos intelligencia para viver do trabalho legal e honrado.

Negócios que nem lemham ao diabo

(Continuação da pag. 11)

rimbo da terra que nós indicamos. Menezes riu, sorriu, pôs-se sério — e acabou por dizer um segredo ao sócio. E este respondeu logo:

— Ora essa, porque não: Rue Grange Batelier, 12-2.º andar — Paris.

Guida estava na cozinha estrelando uns ovos para o almoço — enquanto Tomás, o marido, punha a mesa na propria cozinha. Entre os dois travou-se o seguinte dialogo:

Tomás: Deves concordar, Guidinha, que é um verdadeiro suplicio isto de viver sem creada, com as janelas fechadas por dentro, com luz artificial noite e dia — como se estivessemos enterados vivos.

Guida: Deixa lá, Tomás... Em compensação os nossos amigos, sobretudo a Lulú e o Zéca, mordem-se de inveja por suporem que nós estamos veraneando em S. Sebastian, em Nice, em Monte Carlo.

Tomás: E' possível, é! Mas a mim, confesso, o que mais me admira é o diabo dessa agencia francesa que tu descobriste. O que essa gente havia de inventar... Ha negócios que nem lemham ao Diabo...

O preço do sangue humano

(Continuação da pag. 12)

Em parques, semelhantes aos parques de cultura de crocodilos, para as fitas de Hollywood, ou de óstras, para os gastrónomos europeizados, cultivam-se ex-athletas falhados: *boxeurs*, pedestrianistas, remadores, lutadores, etc.

Agremiaram-se, categorizaram-se nas quatro formas de sangue utilizavel em transfusões; jogam o *golf*, o *tennis*, o *croquet* ou o *xadrês*; alimentam-se a espinafres, frutas, geleias ou carnes, seguindo a qualidade da matéria prima a fornecer.

Assim, o médico cujo doente necessita um sangue rico em glóbulos rubros não tem mais do que pedir *individuos* da primeira categoria e logo desfilarão, como manequins num costureiro de luxo, os *vendedores de sangue* dessa classe.

Há um verdadeiro mercado, um *Blood-change* com tábulas negras escritas a giz.

O sangue humano na América do Norte é uma mercadoria com valor-ouro e a sua oscilação balança entre cem e duzentos dólares por centimetro cúbico.

A industria é tão lucrativa que em Massachussets há dōze *Blood-Pensions* e no Illinois, oito.

Mas como é comvente saber que em Portugal, o sangue se dá e não se vende!

TOM

O homem mais misterioso do mundo A FESTA DOS DIAMANTES

(Continuação da pag. 9)

(Continuação da pag. 5)

novas alianças; com a fabrica alemã Ludwig Loewe e com as francesas de torpedos Whitehead e «Le Nickel». Tudo era de Zaharoff... Mas ele compreende que não basta fazer canhões... *E' preciso fazê-los gastar, destruir*, para que comprem novos canhões. Infiltra-se mais na política de muitos países. Subvenciona jornais; compra, entre outros, o diário parisiense «Excelsior» para que façam a sua política. Pouco depois a sua actividade era oficialmente reconhecida pelos governos. E em 31 de Julho de 1914, um dia antes da declaração de guerra, o «Ministerio dos Estrangeiros da França torna-o comandante da «Legião de Honra»...

A guerra europeia guindou a máxima prosperidade. De 1914 a 1918 fabricou 4 transportes de guerra, 3 couraçados, 53 submarinos e 3 navios auxiliares e 62 ligeiros, num total de 201.000 toneladas. E 100.000 metralhadoras, 2.328 canhões de marinha e de campanha e 5.500 aviões, etc.. Principal fornecedor dos aliados — Zaharoff tornou-se, durante algum tempo ainda, o homem de confiança de Lloyd George, de Viviani, Briand e Painlevé. Grécia, a sua pátria, mantinha-se neutra; e para a obrigar a intervir, ofereceu-lhe todos os fundos necessários. Depois fundou a agencia telegrafica «Radio», subvencionou alguns diários de Athenas, alistou 162 espías. A causa dos aliados custou a Zaharoff 50.000.000 de francos... Mas quantos mais não lhe deu a ganhar?

Finda a guerra, e depois de ter recebido um titulo de nobreza britânica — Zaharoff resolve fazer uma guerra por sua conta. E' ele que, com a aprovação da Inglaterra, arma e subvenciona a invasão dos gregos à Asia Menor. Após cinco secu-

traballar na sombra, mas não pode. Todos os governos o vigiam. Ele constituía, só por si, uma potencia mundial... Entretanto o mundo começa a agitar-se... O Parlamento inglês protesta contra a protecção dada a esse aventureiro — e Lloyd George perde para sempre o seu poder politico por o ter ajudado na aventura grega da Asia Menor. Os muçulmanos inquietam-se. As colonias británicas vivem sob fôgo. A China começa uma revolução que ainda dura sem que se saiba quem lhe fornece os recursos para um continuo esbanjamento de armas e munições... Um deputado na Camara dos Comuns e outro no Parlamento francês desmascararam Zaharoff! Foi ele; é ele e só ele quem fomenta guerras e revoluções. A sua ambição não tem limites. Incendeia guerras e revoltas para que lhe comprem armas e munições!

Mas Zaharoff, muito tranquiilo e silencioso, faz de conta que não sabe o que se passa à sua volta. O Casino de Monte-Carlo estava arruinado; ele entra com um capital de 1.000.000 de libras, toma a direcção da casa e, na primavera de 1925, a nova sociedade reparte um dividendo de 100... por cento. Depois de «Rei das Guerras» — batoteiro... Mas só batoteiro do jôgo? Não o será também das guerras?

E AGORA...

Em Setembro de 1924, dez meses após a morte do Duque de Villafranca, Zaharoff casa-se com a Duquesa. Ele tem 75 anos e ela 70. Há mais de 30 que se amam. Chegara o momento de gozar um pouco uma ventura calma — embora por poucos anos mais? Não! Um homem como Zaharoff, um homem que transforma o mundo ao capricho das suas ambições e a quem se pode exigir a responsabilidade de tantas guerras — de tantas vidas — não tinha o direito à única felicidade que lhe faltava. Poucos meses depois do casamento — a Duquesa morreu.

Dizia-se que desde então Zaharoff vivia na sombra dum palacio, como um invalido, indifferente a negocios, a guerras — ao mundo. Mas pode-se acreditar nessa paz — depois de se revelar a sua dedada sangrenta nas vinte revoluções que estrondearam este ano na America Latina? Pode-se acreditar no seu piedoso sossego — depois do que se disse da actual revolução brasileira?

LER NO PROXIMO NUMERO:

Quem era o pacato cidadão português misteriosamente morto em Paris, em 1917, quando, num súbito patriotismo heroico, tentou lutar contra espías estrangeiros?

QUEREIS DINHEIRO ?

Jogai no

Gama

Rua do Amparo, 51—LISBOA

PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais \$80 para registro

SEMPRE SORTES GRANDES!!!



Zaharoff e sua mulher a Duquesa de Villafranca



Zacarias Bastieos Zaharoff

los de dominio turco — a Grecia recuperou todos os seus territorios. A vitória grega traz o regresso do rei Constantino. Quem preparou essa volta? Zaharoff, o mesmo que preparara a queda da monarchia. Mas é que, aos seus planos, convinha-lhe agora... uma Grecia monarchica. Mas pouco durou este sonho. Os turcos, reorganizados por Mustafa Pachá, expulsam os gregos da Asia Menor...

E o que faz então Zaharoff? Quere esconder-se,

das toilettes dos convidados — esposas e filhas dos reis dos diamantes — e o da noiva. Esta era uma magrizona, nariguda, triste e feia —duma fealdade que o talento das modistas não atenuava. O pai oferecera-lhe um colar! Um colar que o rei das joias oferecia à filha, como presente de casamento! Mas de toda essa scena o que se me ficou para sempre foi o rosto do noivo. Que expressão de angustia — numa mocidade tão invejada! E cá fóra, bisbilhotada pela curiosidade dos creados, chorava uma rapariguinha, tipo de dactilografa, modesta, muito modesta, mas bela, incomparavelmente mais bela do que a noiva. Porque choraria essa pequena?

OS ILEGAIS

O contraste As joias — quando se vendem — são para todos. Centenas e centenas de individuos vivem de viajar com joias. Têm crédito. Confiam-lhes pedras que valem milhares, centenas de milhar de francos. Eles possuem anéis, afinetes de gravatas e esposas ou amantes com brincos do mesmo feitio; são cravações com garras para todas as medidas. A pedras são aplicadas a essas cravações; passam as fronteiras — e dias depois transaccionam-nas nas bôlsas ilegais. E onde julgam os senhores que estão instaladas essas bôlsas? Em subterraneos secretos? Em coios misteriosos? Não... E' onde calha. Nos bars... Nos restaurants Na via pública. Em Bruxelas, todas as quartas-feiras, por detrás do Teatro de la Monnaie, celebra-se uma bôlsa clandestina de pedras preciosas — ali mesmo. Os negociantes vêm chegando, agrupam-se, enchem a praça... Nas palmas das mãos fazem as montras dos seus artigos que valem fortunas... Exibem mutuamente os seus stocks... Negociam — e rematam a transacção a uma mesa dos bars vizinhos.

Em Paris, na Rue de Lafayette, existe um enorme café — cuja celebridade e única clientela é composta por negociantes internacionais de joias. Espanhois, turcos, chineses, austriacos, brasileiros, portugueses! E' curioso atravessá-lo, à hora da maior frequência... Em todas as mesas brilha safiras, diamantes, brilhantes, topázios, pérolas, rubis... Rodam sobre o mármore... Passam de mão em mão. E ninguém as escamoteia... E nenhuma rebola para o chão e desaparece... «Há vinte anos que sou da casa — confidenciou-me uma vez um creado desse café — e nunca, ao fazer a limpeza, encontrei qualquer pedra de valor...

Há poucos meses — li em *Le Journal* — houve assalto da policia. Os flics ao entrarem surpreenderam-nos em flagrante negocio clandestino. Mas ao serem revistados no commissariado — nem um caco de cristal lhes foi encontrado. E' que para negociar em pedras preciosas é preciso ser um pouco ilusionista...

OS DETECTIVES DA EXPOSIÇÃO DE ANVERS

Esqueci-me de rematar a reportagem da Exposição de Anvers... Os detectives estavam atentos... Reconheceram, entre os luxuosos espectadores, uma boa duzia de gatunos internacionais... Não os prenderam, para evitar o escândalo — mas terminada a festa revistaram-nos... Os bolsos estavam vazios — mas os expositores, alarmados, queixaram-se da escamoteação de um colar... Felizmente não era dos mais valiosos... Os detectives atormentaram os profissionais — mas nada conseguiram. Só dias depois souberam quem fora o gatuno — aliás desconhecido para eles... Alegrem-se, políotias; foi José Figueiras, conhecido pela policia do Porto pelo sobrinho de «Zourinho» — um dos doze carleiristas nacionais que andam em tournée... de negócios pela Europa.

Ourivesaria Aliança

Rua das Flores — PORTO



As suas novas instalações valem uma visita

Joias e pratas artísticas

CAFÉ MONUMENTAL

PORTO

O melhor Café da Península
Todo o conforto moderno

Bar — Café — Bilhares

Concêrtos por distintos músicos
nas Soirées e Matinéas

Avenida dos Aliados

◆ NÓS ◆
HAC-HAC

Publicidade, propagandas, or-
ganização e tradução de
catálogos, cartazes,
desenhos artísti-
cos e comer-
:: ciais ::

HOTEL CONTINENTAL
R. de Entreparedes — PORTO

MERCEARIA CAMÕES

RUA DO LOUREIRO, 84
Porto

Especialidade em gé-
neros de mercearia

Barateza de preços e
excelência de qualidade

Comprem sempre
na

Mercearia Camões

PRECISA DE
Tubagens de ferro
ou aço?
consulte **NEFF**
o AZ dos tubos no
seu armazem á
Rua Ferreira
Borges
18
Tel. 17
PORTO

PARA O TEMPO QUENTE



TODDY FRIO

UM REFRESCO E UM
ALIMENTO RECONSTITUINTE
N'UMA SÓ BEBIDA.

Prepare o seu **TODDY**
com um agitador

AVENDA EM TODA PARTE
Mantua, L^{da}
29.C. DE S. FRANCISCO 37 - LISBOA

COMPRAI SÓ



O melhor entre os melhores

284 — R. MOUSINHO DA SILVEIRA — 286

PORTO

Casa Liège

Rua de Cedofeita, 249 -- PORTO

FABRICA DE CONFEITARIA

A melhor e mais higiénica
do norte do país

FABRICO DE TODA A CLASSE DE DOÇARIA

Preços especiais para revenda

A sair brevemente:

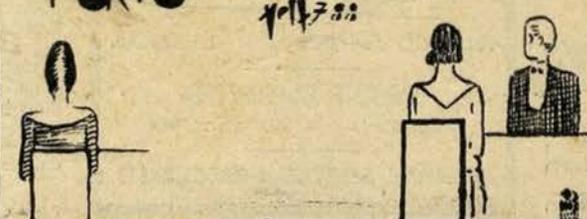
**NOVELA
POLICIAL**

Capa a cores — Preço 1 Esc.

DIRECÇÃO:
REINALDO FERREIRA (Reporter X)

HUVEL CONTINENTAL

Porto — Rua Entreparedes
4117 33



Encerados

Capas e fatos de oleado
Gabardines desde 150\$00

Consultem a

Fábrica Portuense de Encerados

Rua da Restauração, 132

TELEFONE 4770

PORTO